



Salane Muchanga colhendo depoimento de uma mulher em Maputo.

Foto de Mercedes Sayagues

COBERTURA DO HIV E SIDA

Outra grande preocupação transversal na comunicação social da região, para além do género, é a pandemia do HIV e SIDA. Ao nível interno esta tem tido consequência devastadoras para muitos órgãos de comunicação cujo pessoal tem sido afectado directa ou indirectamente. Os órgãos de comunicação social têm também um importante papel a jogar na educação do público sobre o HIV e SIDA bem como as suas dimensões do género.

Este capítulo explora a abrangência da cobertura do HIV e SIDA em contraste às outras notícias. Isto inclui olhar para os tópicos; géneros jornalísticos; origem; âmbito geográfico; funções das fontes e quem reporta sobre HIV e SIDA. Os tópicos são desagregados em diferentes sub-tópicos para dar uma introspecção nas categorias mais reportadas.

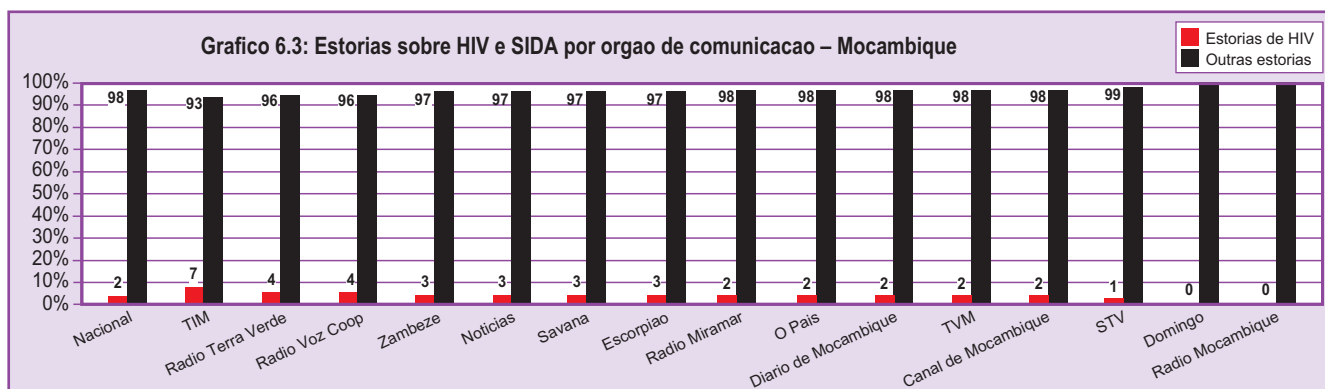
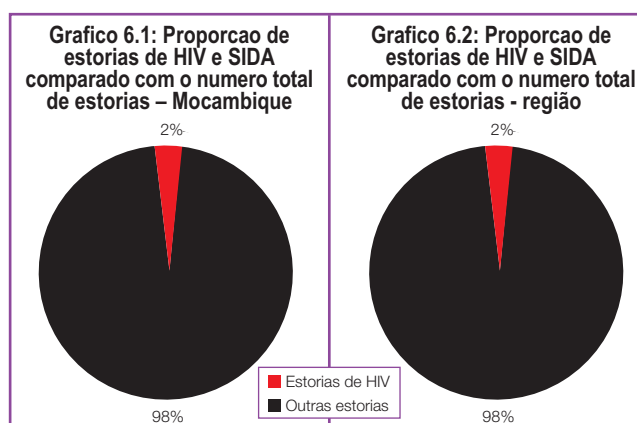
Cobertura do HIV e SIDA

A pesar de a pandemia do HIV e SIDA ser considerado uma das maiores preocupações do governo e ser reconhecidamente um problema também para o sector da comunicação social, este tópico recebe muito pouca cobertura da comunicação social em Moçambique. O gráfico 6.1

revela que do total das estórias monitoras, apenas 2% são sobre HIV e SIDA.

Esse cenário é idêntico em toda a região da SADC onde, como se pode ler no gráfico 6.2, a cobertura do HIV e SIDA pelos órgãos de comunicação social da região é de apenas 2%.

O gráfico abaixo ilustra como é que as estórias sobre HIV e SIDA foram cobertas pelos diferentes órgãos de comunicação social Moçambicanos, isto durante o período da monitoria.

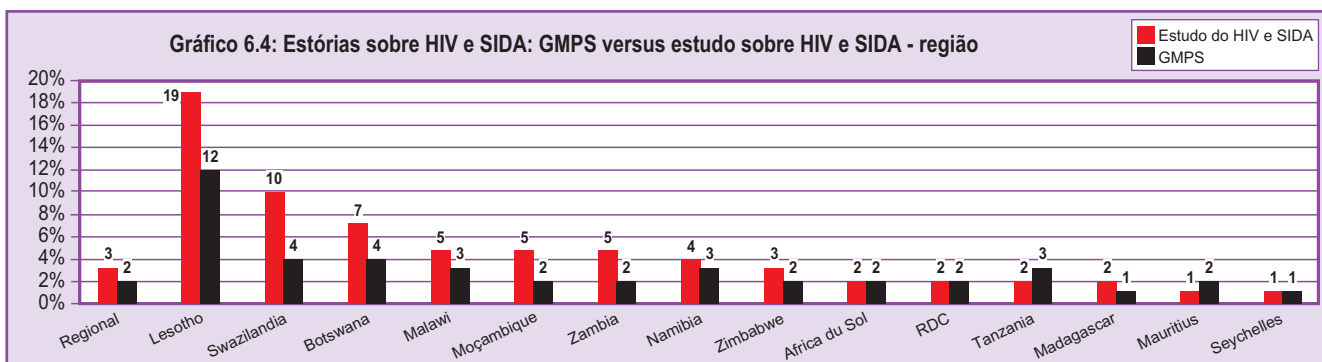


De acordo com o gráfico 6.3 acima, a TIM é o órgão de comunicação que mais estórias sobre HIV e SIDA produziu ao longo do período de monitoria, com 7% do total das estórias sobre HIV e SIDA, seguido das Rádios Terra Verde e Voz Coop, ambas com 4%.

Este resultado reflecte uma redução na cobertura do HIV e SIDA na comunicação social Moçambicana, quando comparado com o Estudo Básico sobre o HIV e SIDA e Género de 2006, em que o nível de cobertura do HIV e SIDA em Moçambique se situava em 5%.



Foto de Mercedes Sayagues



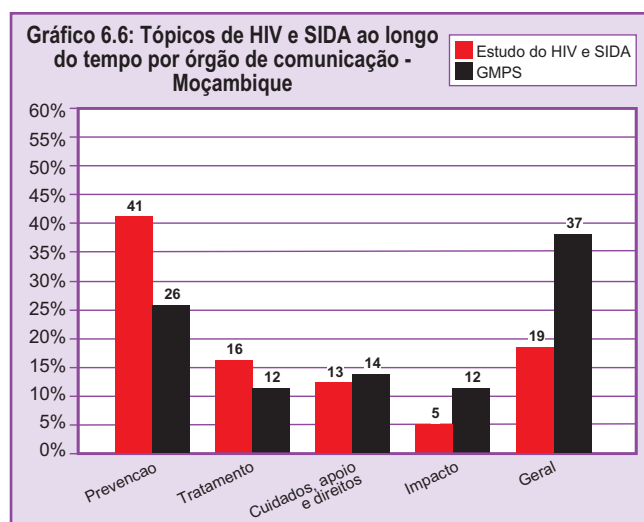
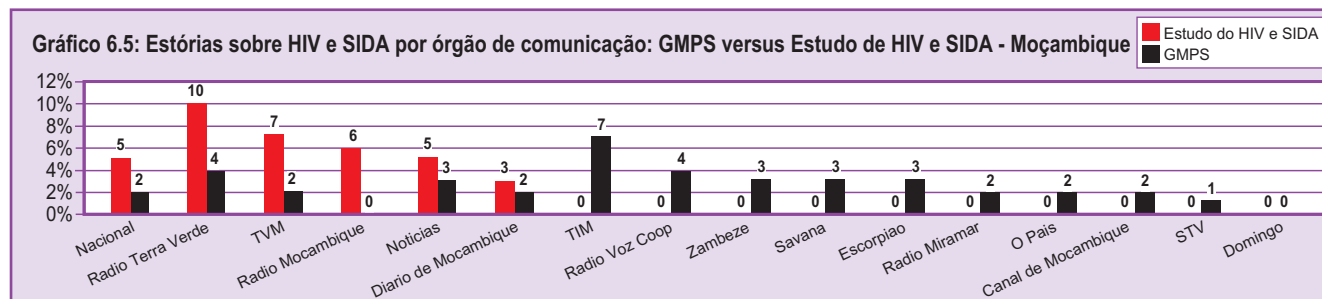
O gráfico 6.4 acima ilustra o desempenho dos países da região da SADC em relação à cobertura do HIV e SIDA, e constata-se que há uma tendência de redução da cobertura deste tópico em quase todos os países, desde o último estudo básico sobre HIV e SIDA, com a excepção da Tanzânia, RDC, Maurícia e Seycheles onde o nível de cobertura manteve-se igual ou aumentou ligeiramente em apenas um ponto percentual. A média de cobertura no estudo básico de 2006 era de 3% do total dos itens monitorados, e neste estudo de progresso GMPS caiu para 2%.

Tópicos

O gráfico 6.5 ilustra o desempenho dos órgãos de comunicação social em Moçambique, no tocante

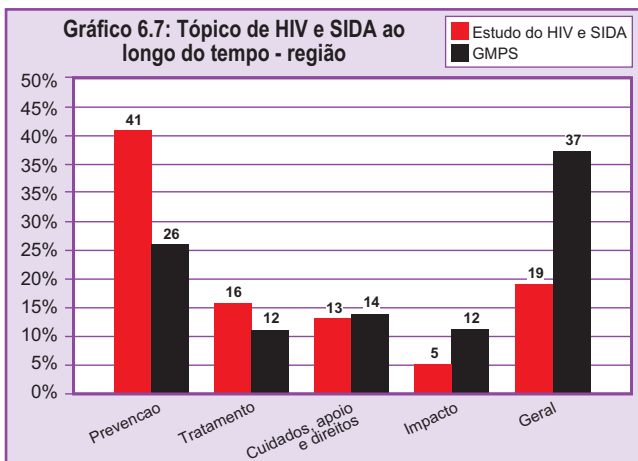
à cobertura de HIV e SIDA, no actual estudo GMPS comparado com o estudo sobre HIV e SIDA. Nota-se uma grande redução da cobertura do HIV e SIDA desde o estudo sobre o HIV e SIDA de 2006, quando este assunto era coberto em 5%, contra os actuais 2% no GMPS. A TIM, a Rádio Voz Coop e a Rádio Terra Verde, são os órgãos de comunicação que mais cobriram o HIV e SIDA durante o período em análise, com 7% para o primeiro e 3% para os dois últimos.

Os jornais Notícias, Zambeze, Savana e Escorpião, cobriram o HIV e SIDA em 3%, isto é, acima da média nacional. Os restantes cobriram o HIV e SIDA numa percentagem igual ou abaixo da média nacional de 2%.



O gráfico 6.6 ilustra a cobertura dos tópicos de HIV e SIDA em Moçambique ao longo dos tempos, e verifica-se um incremento nos assuntos gerais, de 15% no estudo básico sobre HIV e SIDA para 50% no GMPS, e nos assuntos relacionados com o tratamento, em dois pontos percentuais.

Há uma redução drástica, de 47% no estudo básico sobre HIV e SIDA para 18% no actual GMPS sobre estórias que focalizam na prevenção. Isto é particularmente preocupante porque a estratégia de combate ao HIV e SIDA no país elegeu a prevenção como a área onde maiores esforços devem ser concentrados, mas mesmo assim a comunicação social Moçambicana não segue este ideal.



O gráfico 6.7 acima mostra que a maioria da cobertura dos órgãos de comunicação social sobre HIV e SIDA ao longo do tempo concentrou-se nos assuntos gerais do HIV e SIDA, tendo registado um incremento de 19% no estudo básico de 2006, para 37% no GMPS. Outras áreas que receberam um incremento foram as áreas do impacto do HIV e SIDA (de 5% para 12%) e os cuidados, apoio e direitos receberam um incremento marginal de um ponto percentual desde o estudo básico sobre o HIV e SIDA.

Há também ao nível regional uma redução significativa das estórias sobre prevenção, de 41% nos estudo básico sobre o HIV e SIDA de 2006 para 26% no actual estudo GMPS. Isto revela uma direcção contrária aos esforços que estão sendo empreendidos pelos governos da região no sentido de reduzir os índices de novas infecções. Os assuntos sobre tratamento também reduziram ligeiramente, de 16% para 12%.



Jornalistas posicionados para a conferência de imprensa do MBS.
Foto de Luís Muianga

Tópicos de HIV e SIDA

Prevenção

- Estratégias de prevenção, métodos e técnicas de prevenção do HIV;
- O papel das relações de género na propagação da pandemia;
- A interseção entre género e HIV/SIDA;
- Práticas culturais (tais como teste de virgindade) e HIV;
- Pesquisa para os métodos de prevenção e tecnologias;
- Programas de redução de danos.

Tratamento

- Tratamento e/ou cuidados para pessoas afectadas pelo HIV;
- Acesso ou implementação dos antiretrovirais, seu uso e eficácia;

Cuidados, apoio e ambiente

- Assuntos relacionados com HIV e direitos humanos;
- Direitos legais das pessoas vivendo com HIV;
- Trabalho assistencial e a sua dimensão do género;
- Crianças órfãs e vulneráveis afectadas pelo HIV.

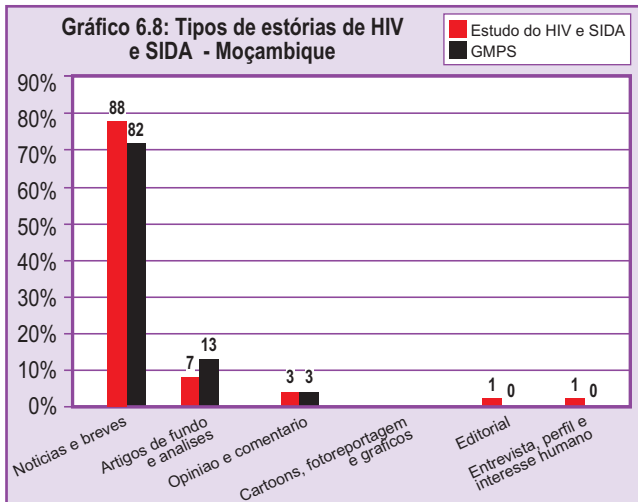
Impacto da pandemia

- Impacto Macro-económico do HIV;
- Impacto Micro-económico do HIV no local de trabalho e na comunidade
- Impacto do HIV nos diferentes sectores, por exemplo, a comunicação social, agricultura, mineração, meio ambiente, sociedade civil;
- Impacto do HIV ao nível individual.

Geral

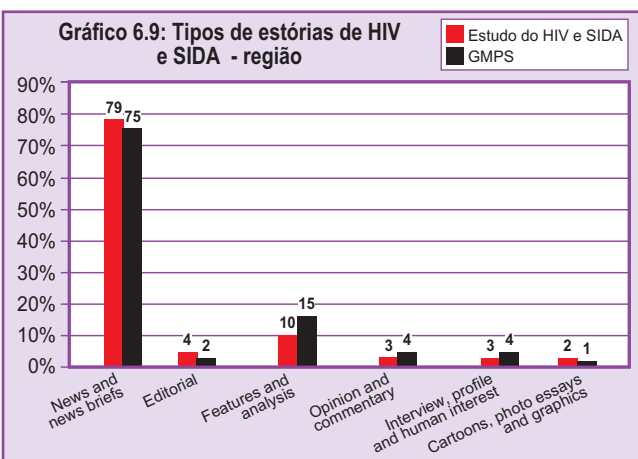
- Pessoas vivendo com ou afectadas pelo HIV e SIDA;
- Perfil de pessoas no campo do HIV ou pessoas afectadas pelo HIV;
- Políticas governamentais sobre HIV;
- O papel dos órgãos regionais e internacionais no HIV/AIDS;
- Pesquisas e constatações estatísticas sobre HIV, o impacto da pandemia, índices de mortalidade, índices de infecção, etc.
- HIV/SIDA e a economia, pobreza;
- Drogas e partilha de agulhas.

Géneros jornalísticos



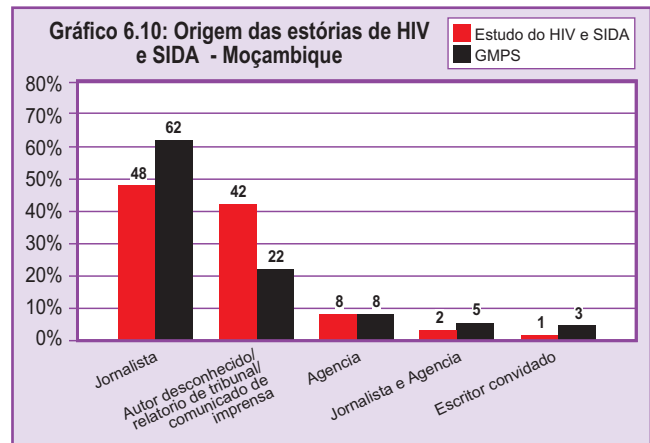
O gráfico 6.8 acima mostra que a maior parte das estórias sobre HIV e SIDA, quer no anterior estudo básico sobre HIV e SIDA, quer no actual GMPS, eram na forma de notícias ou breves, numa proporção de 88% no primeiro e 82% no segundo.

Nota-se um ligeiro incremento nas estórias sobre HIV e SIDA apresentadas sob forma de artigos de fundo e análises, numa proporção de 13% no actual estudo contra os 7% no anterior estudo básico.



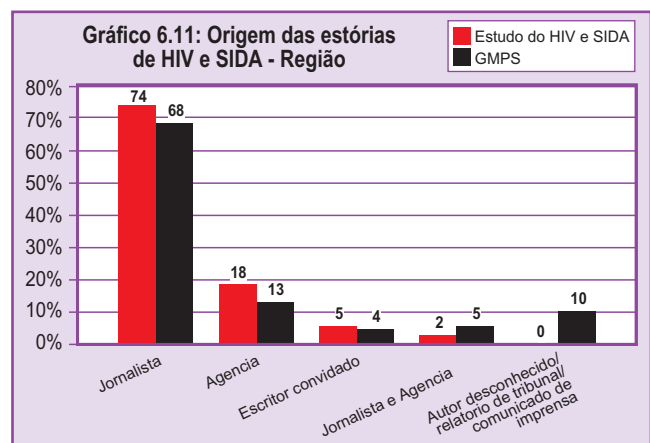
A situação ao nível da região da SADC se assemelha a encontrada em Moçambique, com grande parte das estórias sobre HIV e SIDA a serem apresentadas na forma de notícias e breves, numa proporção de 79% do total das estórias sobre HIV e SIDA monitoradas no anterior estudo básico e 75% no actual GMPS. Verifica-se também um ligeiro incremento de artigos de fundos e análises sobre HIV e SIDA na comunicação social ao nível da região, de 10% no anterior estudo para 15% no actual GMPS.

Origem



O gráfico 6.10 acima mostra que a maioria das estórias de HIV e SIDA monitoradas para este estudo em Moçambique, foram originadas pelos próprios jornalistas, numa proporção de 62% contra os 48% no anterior estudo sobre HIV e SIDA. Revela também uma diminuição drástica de estórias originadas por autores desconhecidos, comunicados de imprensa e outros documentos, de 42% no estudo básico de 2006 para 22% no actual GMPS. Isto mostra uma melhoria na intervenção dos jornalistas na produção noticiosa sobre o HIV e SIDA em Moçambique.

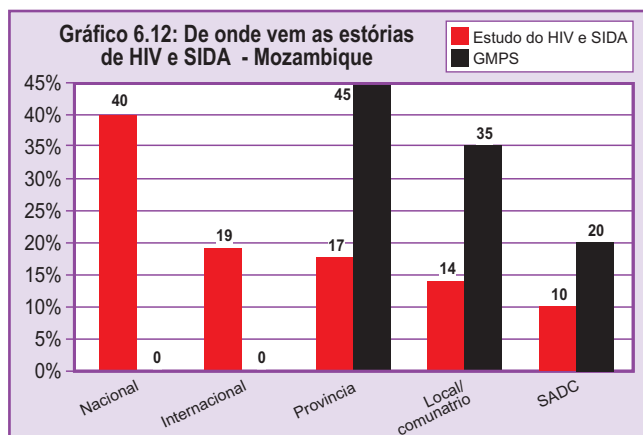
Nota-se também um aumento substancial de estórias originadas por jornalistas e agências de notícias, e escritores convidados, em relação ao estudo anterior, em 3% e 2%, respectivamente.



A situação na região reflecte, de acordo com o gráfico 6.11 acima, o mesmo padrão observado em Moçambique. A maioria das estórias sobre HIV e SIDA produzidas na região foram originadas pelos jornalistas, quer no anterior estudo básico (74%) quer no actual estudo de progresso GMPS (68%).

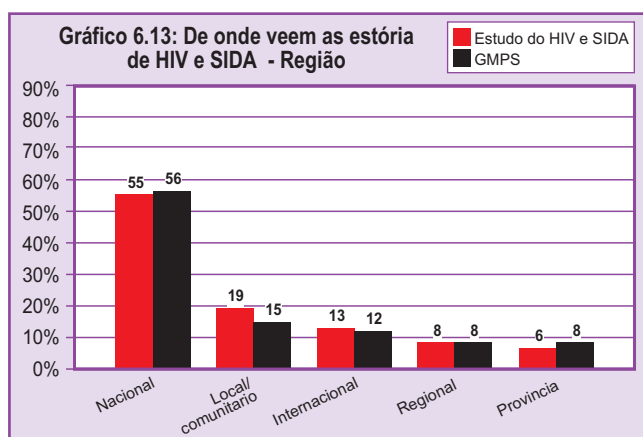
Verifica-se também um incremento das estórias originadas por autores desconhecidos ou por documentos e comunicados de imprensa, na ordem de 10%.

Âmbito geográfico (de onde vem as estórias)



O gráfico 6.12 acima ilustra a origem das estórias sobre HIV e SIDA monitoradas em Moçambique, e verifica-se que a maioria das estórias são de âmbito provincial (45%) e local ou comunitário (35%). Isto revela um crescimento de estórias provinciais, na ordem de 28% comparado com os resultados do último estudo básico de 2006, e um crescimento na ordem de 21% das estórias de âmbito comunitário, quando comparado com o estudo básico.

De todas as estórias sobre HIV e SIDA monitoradas para este GMPS, 20% eram de âmbito regional da SADC, significando um incremento na ordem de 10% em relação ao estudo básico, e nenhuma estória era de âmbito nacional ou internacional.

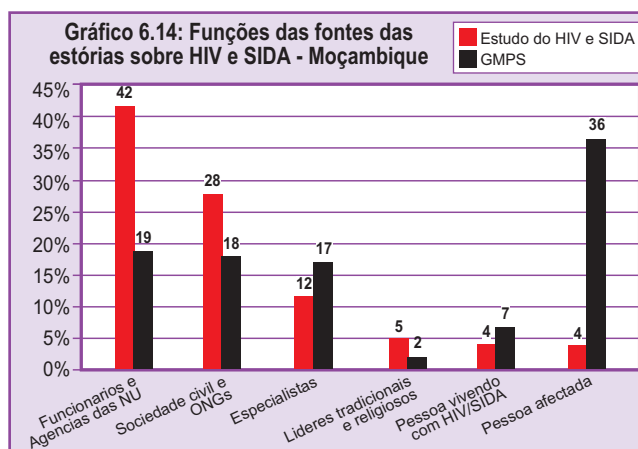


Ao nível da região da SADC, conforme ilustra o gráfico 6.13 acima, a maioria das estórias de HIV e SIDA são de âmbito nacional, numa proporção de 56%, representando um aumento de estória de HIV e SIDA neste âmbito, quando comparado com o último básico de HIV e SIDA, em que se situava em 55%. Este dado difere com a realidade de Moçambique onde nenhuma estória era de âmbito nacional.

Contrariamente ao que acontece em Moçambique, em que se verifica um crescimento de estórias sobre HIV e SIDA de âmbito local e comunitário e provincial, ao nível da região da SADC nota-se um decréscimo de quatro pontos percentuais nas estórias de âmbito comunitário e um aumento marginal de dois pontos percentuais nas estórias de âmbito provincial.

Nota-se uma relativa manutenção de estórias sobre HIV e SIDA de âmbito internacional, com tendência a reduzir de 13% no último estudo para 12% no actual GMPS. As estórias de âmbito regional mantêm-se na mesma proporção de 8% nos dois estudos.

Funções

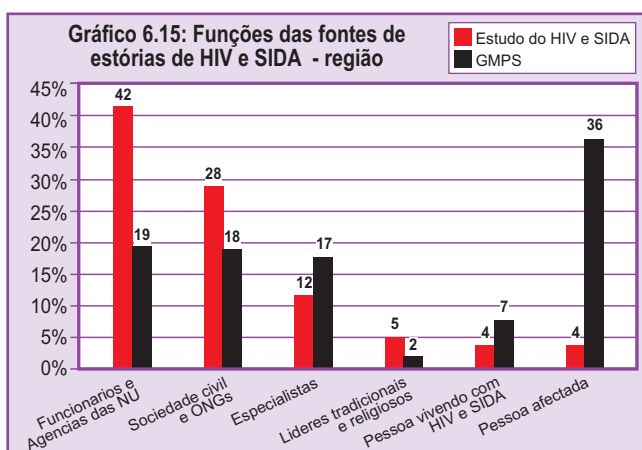


O gráfico 6.14 acima refere-se às pessoas que falam sobre HIV e SIDA nas estórias publicadas na comunicação social em Moçambique. Constatase que a maior das estórias de HIV e SIDA monitoradas no âmbito do presente estudo de progresso, GMPS, são contadas por ONG e organizações da sociedade civil, numa proporção de 55%, o que difere substancialmente em relação ao anterior estudo básico quando os oficiais do

governos e agências das nações unidas é que dominavam as discussões sobre este tema, em 56%.

Verifica-se também um aumento da intervenção dos líderes tradicionais e religiosos nas discussões sobre HIV e SIDA, na ordem de 11%, passando de apenas 2% no anterior estudo básico para os actuais 13% do GMPS. A opinião dos especialistas também aumentou no debate sobre o HIV e SIDA nas estórias monitoradas, tendo passado de 2% no anterior estudo para 11%.

Interessante notar um ligeiro aumento das vozes de pessoas afectadas a falarem sobre o HIV e SIDA, que anteriormente era de apenas 2% e agora é de 5%. Preocupante a redução das vozes de pessoas que vivem com o HIV e SIDA, de 4% no anterior estudo para 3% no actual GMPS.

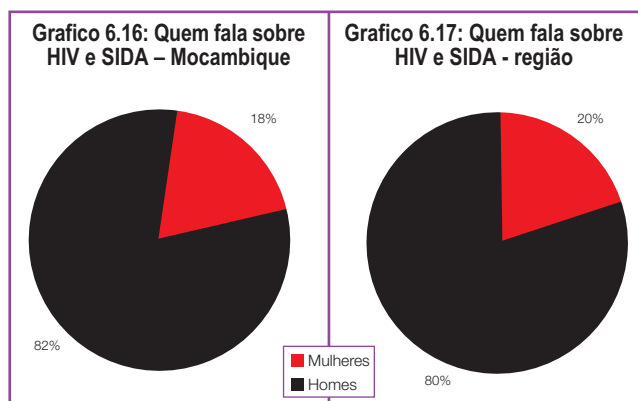


O gráfico 6.15 acima revela que a maioria das estórias sobre HIV e SIDA publicadas na comunicação social da região, no período da monitoria, são contadas por pessoas vivendo com o HIV e SIDA na ordem de 41%, o que representa uma ligeira queda em relação ao anterior estudo básico em que este grupo constituía 44% das fontes das estórias sobre HIV e SIDA.

Reduziu também a participação das organizações da sociedade civil e ONG, pessoas afectadas e especialistas no debate sobre HIV e SIDA na comunicação social da SADC, em 16%, 31% e 9%, respectivamente, em relação ao anterior estudo básico.

A proporção da participação dos oficiais do governo e agências das NU e dos líderes tradicionais e religiosos, mantém-se inalterável, com tendência a reduzir nos primeiros.

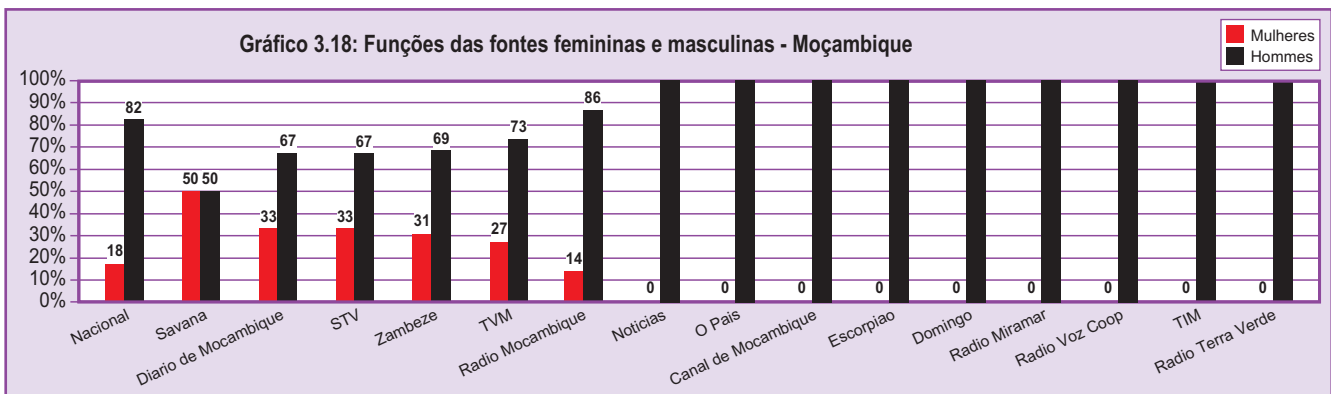
Quem fala sobre HIV e SIDA



O gráfico 6.16 acima mostra que, apesar de a pandemia do HIV infectar e afectar maioritariamente as mulheres, a maioria das estórias sobre HIV e SIDA publicadas na comunicação social em Moçambique são contadas por homens, numa proporção de 82%, contra os 18% de mulheres que falam sobre HIV e SIDA. Um pouco acima da média das fontes femininas na comunicação social em Moçambique, que é de 14%. Esta realidade não difere muito daquilo que acontece na região, onde conforme ilustra o gráfico 6.17, em média, na região da África Austral as estórias sobre HIV e SIDA são maioritariamente contadas por homens, numa proporção de 80% contra 20% das estórias contadas por mulheres. Esta média é ligeiramente superior a encontrada na comunicação social em Moçambique, que é de 18%.



Rosa Langa dialogando com Eduardo Namburete. Foto de Colleen Lowe Morna

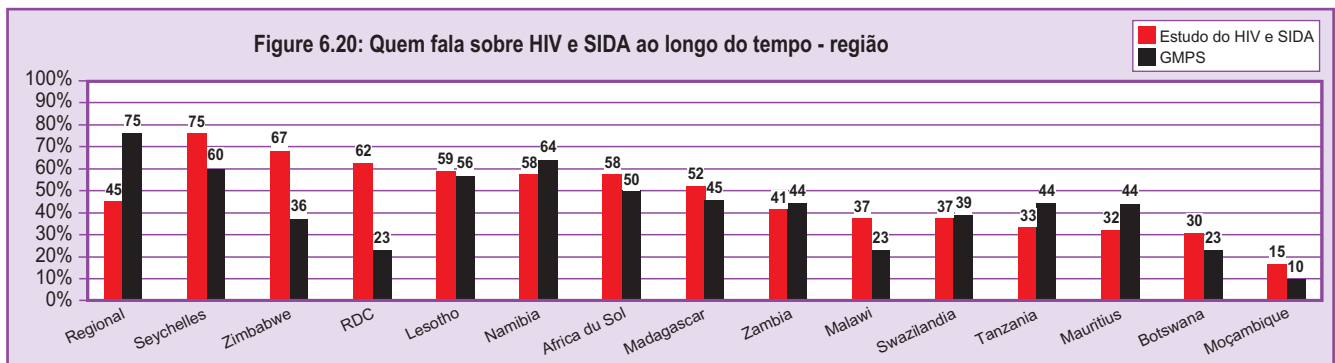
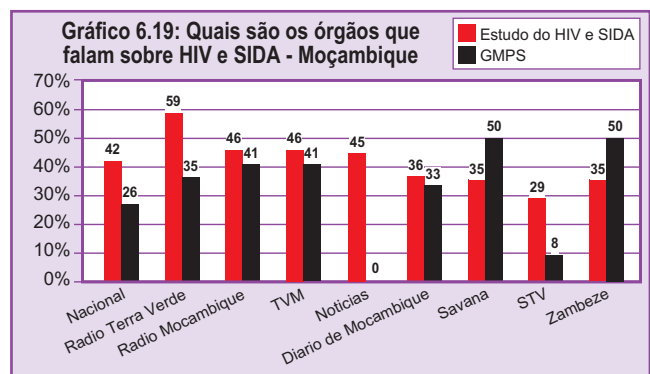


O gráfico 6.18 acima mostra que a maioria das pessoas que falam sobre HIV e SIDA são homens, numa proporção de 82%. A desagregação destes dados pelos órgãos de comunicação social indica que as histórias sobre HIV e SIDA contadas por mulheres foram publicadas no Savana, Diário de Moçambique, STV, Zambeze, TVM e Rádio Moçambique.

Fontes de notícias

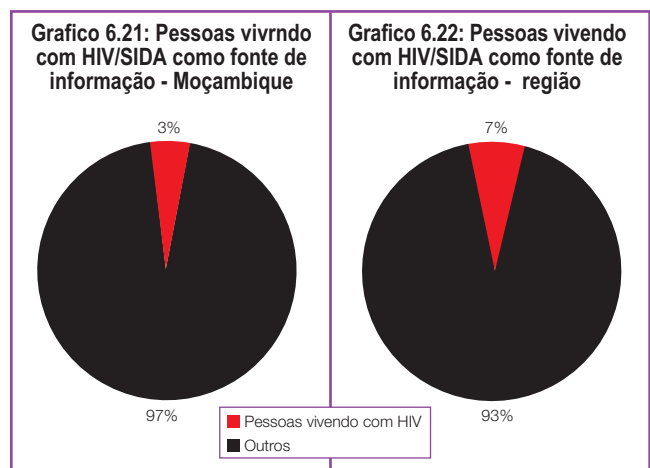
O gráfico 6.19 acima ilustra a distribuição das histórias sobre HIV e SIDA por órgão de comunicação nacional, e pode-se ler que o semanário Savana é o que mais histórias de HIV e SIDA publicou durante

o período da monitoria com 50%, seguindo-se o Diário de Moçambique e a STV ambos com 33%, e o semanário Zambeze com 31%.



Ao nível da região da SADC a média das histórias contadas por mulheres é 20%, contra os anteriores 39% encontrados no estudo anterior em 2006. De acordo com gráfico 6.20 acima, os únicos países que registaram um aumento no número de histórias de HIV e SIDA contados por mulheres foram as Seychelles e a RDC, que aumentaram de 44% para 56%, e 23% para 26% respectivamente. Moçambique regista uma redução no número de histórias sobre HIV e SIDA contadas por mulheres, de 38% no GMBS para 18 no actual estudo GMPS.

De acordo com gráfico 6.21, de todas as histórias que falam sobre o HIV e SIDA em Moçambique, apenas

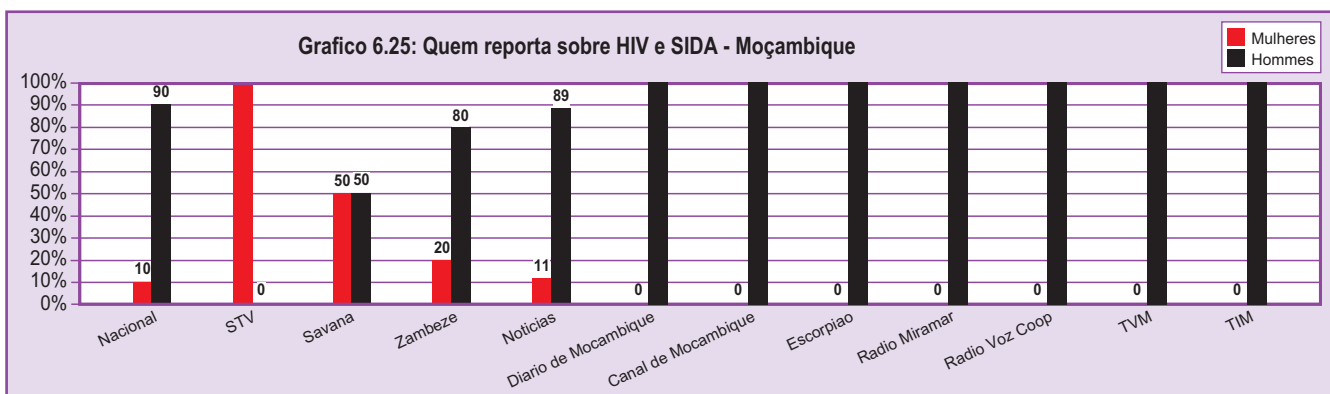
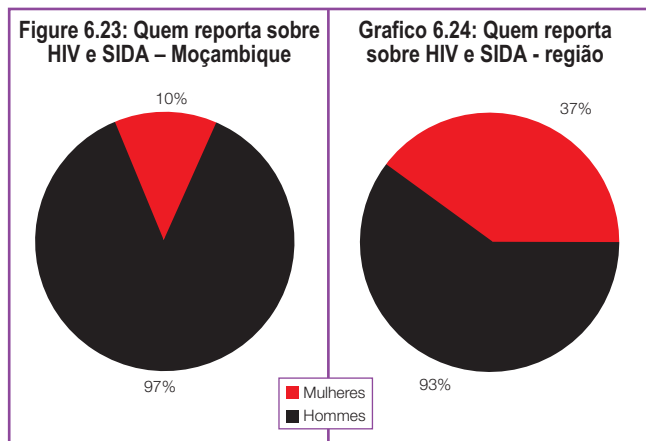


3% delas são contadas pelas pessoas que vivem com o HIV e SIDA, as restantes são contadas por outras pessoas. Esta média é relativamente inferior à média regional, que é de 7% conforme ilustra o gráfico 6.22 ao lado.

Repórteres

Apenas 10% das histórias sobre HIV e SIDA monitoradas na comunicação social em Moçambique são, de acordo com o gráfico 6.23, reportadas por mulheres. As restantes são reportadas por homens. Esta realidade contrasta com o que acontece na comunicação social ao nível da região, onde a média das histórias sobre HIV e

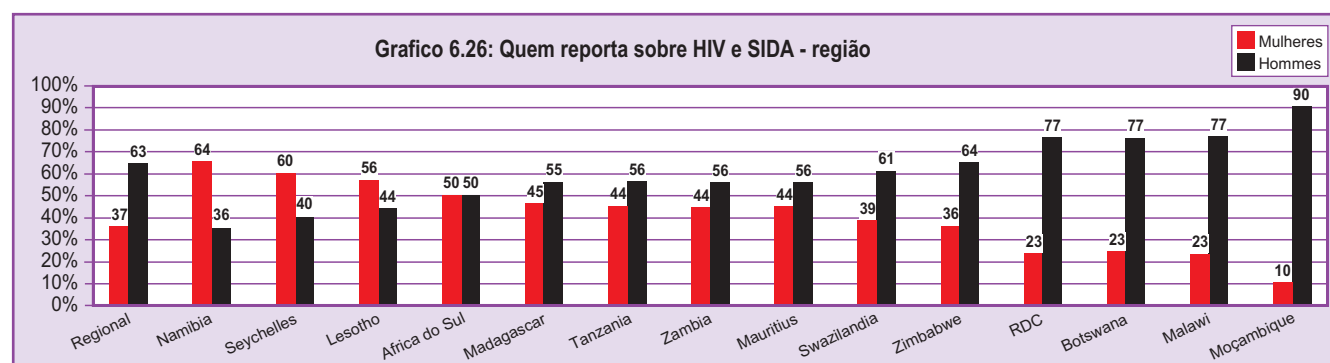
SIDA reportadas por mulheres durante o período, é de 37%.



O gráfico 6.25 acima mostra que a maioria das histórias sobre HIV e SIDA foram reportadas por jornalistas homens, numa proporção de 90% contra 10% de histórias sobre HIV e SIDA reportadas por mulheres.

Todas as histórias sobre HIV e SIDA monitoradas na STV foram reportadas por mulheres, enquanto que

no semanário Savana há um equilíbrio de repórteres masculinos e femininos que cobriram o HIV e SIDA, numa proporção de 50% para ambos os sexos. Os jornais Zambeze e Notícias, são outros órgãos de comunicação onde as repórteres femininas reportaram sobre HIV e SIDA, numa proporção de 20% e 11% respectivamente.



O gráfico acima mostra a distribuição das histórias de HIV e SIDA reportadas por mulheres na região da SADC, comparando o estudo básico de 2006 e o actual GMPS. A média das história de HIV e SIDA

reportadas por mulheres na região é de 37% no actual GMPS, o que significa uma queda de oito pontos percentuais em relação ao estudo anterior do GMBS.

Conclusões

Os participantes do workshop consultivo manifestaram grande preocupação com o baixo nível de cobertura do HIV e SIDA no país. Reconheceram que este assunto deveria merecer maior atenção por parte dos órgãos de comunicação social, por um assunto que afecta a todos sem distinção.

O período da monitoria teve lugar durante a campanha eleitoral, e a ausência deste tópico na cobertura jornalística durante este período releva que esta preocupação não constituía ponto de agenda dos partidos políticos.

Os participantes indicaram também que o baixo nível de cobertura do HIV e SIDA pode ser explicado

pelo facto de ser um assunto ainda considerado tabú na nossa sociedade, e por isso poucas pessoas se sentem à vontade para falar abertamente do assunto. Igualmente, o facto de o HIV e SIDA serem temas que tem uma forte carga de estigma, as pessoas infectadas ou afectadas dificilmente falam para a comunicação social. Mas uma vez, os participantes do workshop sentem haver dificuldade para reportar sobre um assunto de que não se fala abertamente.

As poucas estórias sobre HIV e SIDA que foram publicadas durante este período foram na forma de notícias e breves, baseado-se em pronunciamentos de organizações da sociedade civil e ONGs.